

Ano da Vida Consagrada 2015

O núcleo identitário e a dimensão profético missionária da VRC

de Estevão Raschiatti, sx.

Há alguns tempos, o tema do núcleo identitário da Vida Religiosa Consagrada (VRC) vem animando o debate entre as congregações de vida apostólica no Brasil e no mundo.¹ Segundo esse enfoque, a crise pela qual está passando a VRC não diz primeiramente respeito a um aspecto *quantitativo* – diminuição das vocações, envelhecimento dos efetivos, encolhimentos das obras – , mas denuncia antes de tudo a carência de um aspecto *qualitativo*:

Trata-se de uma crise qualitativa. Trata-se também, e sobretudo, de enfraquecimento da qualidade da própria vida religiosa. Não é simples enfraquecimento moral. Geralmente, o nível moral é aceitável e até alto entre os membros da vida religiosa. Talvez não possamos afirmar o mesmo com respeito ao que poderíamos chamar de “nível teologal” da vida religiosa. Isto é, o nível que se refere à sua identidade carismática e à sua missão profética, dois aspectos que estão essencialmente relacionados. Provavelmente, aqui se enraíza a “crise de redução” mais preocupante, e até pode ser a causa e a raiz da “crise de redução quantitativa”.²

Identidade carismática e missão profética: dois aspectos essencialmente relacionados, duas dimensões intrínsecas da radicalidade cristã, duas faces da mesma moeda que vão simplesmente sob o nome de “discipulado” e “missão” (cf. *Dap* 146). Aqui está o problema.

Todos percebemos a interminável situação de mal-estar e de desencanto na VRC que se estende até hoje, que não acena a propor perspectivas de solução e que se aproxima simpaticamente à profunda tristeza dos discípulos de Emaús (cf. *Lc* 24,17). Essa estagnação, porém, pode representar um providencial e sofrido *kairós*. De um lado, enxergamos como um tratamento agressivo, inútil e perigoso insistir em manter muitas de nossas instituições e obras em estado terminal. Por outro, sentimos a necessidade “abandonar as estruturas caducas” (*Dap* 365) e de *re-encantar-nos* com novos horizontes, *re-fazer* nossos projetos, *re-*

¹ No Brasil, o tema foi lançado, de alguma maneira, no seminário “*Vida Religiosa Consagrada: a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo*”, promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) de 23 a 27 de fevereiro de 2012, no Centro de Espiritualidade Inaciana Vila Kostka, Itaiaci (Indaiatuba, SP). De lá para cá foram produzidos excelentes textos, documentos e reflexões que enfatizaram um ou outro aspecto. Mas é claro que o assunto interessa à Vida Religiosa Apostólica (VRA) no mundo inteiro, desde o imediato pós-concílio. Nas últimas décadas, tornou-se muito mais urgente devido ao agravamento da crise pela qual passa a VRC. Cf. PALÁCIO, Carlos. Era preciso que isso acontecesse. In: CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. *Permanece conosco!* Estudo, reflexão, oração. Brasília, CRB, 2013, v. III, p. 109-118.

² Cf. MARTÍNEZ, Felicísimo. O momento atual da vida religiosa na Europa: situação e desafios. In: PRADO, Fernando (org.) *Aonde o Senhor nos levar*. Vida consagrada no mundo: tendências e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 16.

tornar ao essencial e *re-pensar* tudo novamente. Mas algo nos impede de chegar no cerne exato da questão: algo nos bloqueia na hora de ousar, de mudar e de agir.

Não podemos dizer que faltaram estímulos. Se olharmos a caminhada da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), e também da Confederación Latinoamericana y Caribeña de Religiosos y Religiosas (CLAR), vamos perceber que muito foi feito no sentido de voltar às fontes, de acordar, de refletir, de reavivar o núcleo identitário da VRC: anos de estudos, busca, encontros, debates, seminários, oração. Nas congregações promovem-se capítulos e mais capítulos para reformar as Constituições, novas propostas para a formação, novas frentes de trabalho, novos documentos, novas diretrizes, novos projetos. No entanto, parece que nos encontramos num impasse, num ponto morto, que não nos deixa tranquilos. O que faltou? O que nos falta ainda descobrir, explorar, apontar? “Num mundo fragmentado que leva à dispersão, não servem novos estímulos, mas uma perspectiva e um horizonte unificador”.³ Ao jovem que fez de tudo para herdar a vida eterna, Jesus responde: “Falta *uma* coisa só: vá, venda tudo, dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro no céu. Depois venha e siga-me” (Mc 10,21). Essa coisa que falta é colocar-se com seriedade no seguimento de Jesus somente “depois” de um envio – “vá”, imperativo de missão – a se despojar de tudo.

A coragem de aderir de coração e com alegria a essa *saída* missionária é o *foco* da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* de papa Francisco (cf. EG 20), e da Carta Circular “*Alegrai-vos*”, da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, publicada em vista do Ano da Vida Consagrada em 2015: “o encontro com o Senhor nos coloca em movimento, nos impele a sair da autoreferencialidade” (*Alegrai-vos*, 5). Em uma de suas homilias em Santa Marta, ao comentar a passagem de João 10,24-26, Francisco aponta o dedo contra os intelectuais que “não abrem o coração ao Espírito Santo” e “querem só explicações”: “E você dá a eles as explicações e eles, não convencidos, voltam com outra pergunta. E assim rodeiam, rodeiam ... como rodearam em torno a Jesus a vida inteira, até o momento que conseguiram prendê-lo e matá-lo”. São as pessoas duras de coração, orgulhosas, auto-suficientes, soberbas, distantes do povo, “que fecham as portas e resistem ao Espírito”. E conclui: “onde tem seriedade demais não tem o Espírito de Deus”.⁴

Um paralelismo entre os fariseus de ontem e os religiosos de hoje não é apenas oportuno: é mais do que legítimo e perfeitamente histórico. Não há como fugir: nós também fechamos as portas e resistimos ao Espírito quando não saímos de nós mesmos, das nossas casas, das nossas obras. As resistências são diversas: desde a distração com discursos estéticos à fuga das responsabilidades culpando a crise global; desde a acomodação na sedução do bem-estar ao ativismo desenfreado que evita a escuta, o discernimento e o confronto; desde a conservação mesquinha do nosso patrimônio à animação vocacional unicamente motivada pela obsessão de sobrevivência.⁵ No entanto, a busca pelo núcleo identitário interpela a VRC sobre três elementos bem essenciais: a experiência de Deus, a vida em comum e a missão

³ FERRARI, Gabriele. É tempo di pensare tutto di nuovo. *Testimoni*, Bologna, 5/2013, p. 2, maio 2013.

⁴ Cf. AGASSO, Domenico. “A certi intellettuali puoi resuscitare un morto, ma non credono!”. Disponível em: <<http://vaticaninsider.lastampa.it/vaticano/dettaglio-articolo/articolo/santa-marta-34050/>>. Acesso em: 13 mai. 2013.

⁵ Cf. MARTÍNEZ, Felicísimo, p. 17 – 23.

profética.⁶ Nada mais do que isso. E sobre isso somos convidados e convidadas a uma decidida, ousada e arriscada tomada de iniciativa pessoal, comunitária e institucional. Talvez precisamos apenas de algumas coordenadas para o caminho.

RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE, PROFECIA E MISSÃO

Carlos Mesters, num de seus artigos para a Revista *Convergência*, cita um curioso questionamento de uma jovem religiosa a respeito do seu ser religiosa:

“Entrei na Congregação porque me senti atraída pelo testemunho das irmãs junto aos pobres. É o que eu gosto de viver e de fazer. E nisto me sinto feliz e realizada. Mas vejo e sinto que algo me falta na vivência da Vida Religiosa. Noto que muitos leigos e leigas, casados e solteiros, estão começando a fazer a mesma coisa que eu faço. Então, eu me pergunto: Por que sou religiosa e carmelita? Só para estar com os pobres? Para fazer isso não é necessário eu ser religiosa e carmelita. Não me sinto frustrada, de jeito nenhum, mas sinto que devo buscar um fundamento mais profundo para a minha vida como religiosa e carmelita”.⁷

Parafraseando as palavras dessa irmã, nós também podemos dizer: “Porque somos religiosos e religiosas? Só para trabalhar como missionários e missionárias? Para fazer isso não é necessário nós sermos religiosos. Não nos sentimos frustrados (talvez), mas sentimos que devemos buscar um fundamento mais profundo para a nossa vida como religiosos e religiosas”. Onde está, então, esse fundamento profundo da VRC?

A resposta pode ser encontrada no Decreto conciliar sobre a renovação da Vida Religiosa *Perfectae Caritatis*:

Os membros de todo e qualquer Instituto lembrem-se sobretudo que responderam à vocação divina pela profissão dos conselhos evangélicos (...) para, renunciando ao mundo, viverem exclusivamente para Deus. (...) Os religiosos, portanto, fiéis à profissão, deixando tudo por amor de Cristo (cf. *Mc* 10,28), sigam-no (*Mt* 19,21) como única coisa necessária (cf. *Lc* 10,42)(PC 5).

Renunciar ao mundo, viver exclusivamente para Deus, seguir Jesus como *única coisa necessária*: mais uma vez retorna a resposta de Jesus ao jovem rico (cf. *Mc* 10,21) desta vez dirigida a Marta (cf. *Lc* 10,42). Esse *unum necessarium* não é exclusivo da VRC, pois “os cristãos de qualquer estado ou ordem, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade” (LG 40). Contudo, “a identidade da pessoa consagrada pode-se compreender a partir da totalidade da sua oferta” (VC 17). Claramente, essa exigência tornam-se autêntica na medida que se torna concreta como testemunho de vida que gera atração. Mas é verdade também que a VRC, como proposta, aponta exatamente para uma singular diferença que vem do Evangelho:

⁶ Cf. PALÁCIO, Carlos. Começar de novo. Por uma reconstrução da especificidade da VRA. *Convergência*, Brasília, n. 453, p. 465, julho/agosto 2012.

⁷ MESTERS, Carlos. “As irmãs são o rosto de Deus para nós!”. Origem e missão dos levitas: uma luz de Deus para nós religiosos e religiosas. *Convergência*, Brasília, n. 466, p. 615, novembro 2013.

É uma vida humana, humaníssima, uma obra de arte antropológica, outra, diferente, orientada a demonstrar que o impossível se torna possível, que o utópico (*u-topos*, sem lugar) encontra, pela fora do Espírito, um lugar de incarnação numa comunidade formada por homens e mulheres que fazem votos não de não falhar com o Evangelho, mas de não desistir nunca de conformar-se a Cristo e ao seu seguimento.⁸

Consequentemente, a dimensão profética da VRC é inerente à sua própria identidade e vocação na medida que se torna testemunho – martírio, como afirma Papa Francisco:

“Sejam testemunhas de uma forma diferente de fazer as coisas, de agir, de viver! É possível viver neste mundo de forma diferente. Estamos falando de uma perspectiva escatológica, dos valores do Reino aqui encarnados sobre esta terra. Trata-se de deixar tudo para seguir o Senhor. Não, não quero dizer radical. A radicalidade evangélica não é somente dos religiosos: é exigida de todos. Mas os religiosos seguem o Senhor de maneira especial, de modo profético. Espero de vós este testemunho. Os religiosos devem ser homens e mulheres capazes de despertar o mundo”.⁹

A palavra “profeta” vem do latim *pro* (adiante) *phêmi* (dizer): profeta é alguém que prediz o futuro, que anuncia os desígnios divinos, um visionário, um adivinho, um iluminado. Da mesma forma, a profecia da VRC é algo que tem a ver com o futuro, ou seja, com a realidade escatológica do Reino. Profeta é alguém que é chamado e enviado por Deus, que ouviu e ouve com atenção a voz dEle, que enxerga com perspicácia os sinais dos tempos na história, que se manifesta em nome do seu Senhor e que anuncia com palavras e ações a vinda do Reino prometido.

Assim os religiosos e as religiosas vivem uma dialética entre *éschaton* e história: a partir da esperança de uma vinda, moldam a própria vida e oferecem, desta maneira, uma Boa Nova à Igreja e ao mundo. Nunca haverão de se acomodar à apatia deste mundo, mas sempre terão que animar e ser animados pela profecia do Reino: “a ênfase deverá cair sobre os profetas, e não brincar de sê-los (...) os religiosos e as religiosas são homens e mulheres que iluminam o futuro”, diz Papa Francisco.¹⁰ E é para isso que são enviados aos povos: como um guia de trilhas, eles sabem e apontam os caminhos que tem que ser tomados e aqueles que tem que ser evitados.¹¹ Em sua missão jamais poderão ter uma atitude coercitiva, mas sempre gratuita e audaciosa, humilde e destemida, desarmada e desarmante ao mesmo tempo: “o cristão sabe quando é tempo de falar de Deus e quando é justo não o fazer, deixando falar somente o amor. Sabe que Deus é amor (cf. 1 Jo 4, 8) e torna-Se presente precisamente nos momentos em que nada mais se faz a não ser amar” (DCE 31c).

⁸ BIANCHI, Enzo. *Non siamo migliori*. La vita religiosa nella chiesa, tra gli uomini. Magnano (BI): Qiqajon, 2002, p. 30.

⁹ SPADARO, Antonio. “Svegliate Il mondo!”. Colloquio di Papa Francesco con i Superiori Generali. *La Civiltà Cattolica*, Roma, 165 (2014/I), p. 5.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Cf. BEVANS, Stephen; SCHROEDER, Roger. *Prophetic Dialogue*. Reflections on Christian Mission Today. New York: Maryknoll, 2011, p. 50.

A missão para a VRC não é uma meta mas sempre um caminho: não é a realização de um desejo ou de um projeto, mas entrega imediata a um mandato (cf. *1Cor 9,16*), adesão generosa a um chamado que implica sempre um envio: “quem coloca Cristo no centro de sua vida descentraliza-se! Quanto mais te une a Jesus e ele se torna o centro da tua vida, tanto mais ele te faz sair de ti mesmo, te descentraliza e abre aos outros”.¹² Não se parte em missão porque se quer, mas porque alguém nos envia. A missão não é o centro e nem o objetivo último da VRC: o centro é viver somente para Deus no seguimento de Jesus, que me envia, me faz sair, me coloca em movimento, me desloca a serviço da Igreja e do mundo. “A intimidade da Igreja com Jesus é uma intimidade itinerante, e a comunhão ‘reveste essencialmente a forma de comunhão missionária’” (EG 23).

REDESCOBRIR A DIMENSÃO TEOLOGAL DA MISSÃO

Se o centro da VRC é Deus, eis então que é preciso antes de tudo redescobrir a dimensão teologal da missão, pois a dimensão profético missionária da VRC não pode não deitar suas raízes mais profundas no mistério Trindade. A esse respeito, foi o próprio Concílio Vaticano II que retomou o fundamento trinitário da missão e, desta maneira, iniciou um profundo processo de mudança na compreensão da mesma. Com efeito, o Decreto *Ad Gentes* afirma que “a Igreja peregrina é missionária por natureza” (*Ad Gentes 2*). A palavra “natureza” quer dizer “essência”. Missão antes de ser “tarefa” é “essência”: o aspecto mais central, a característica mais importante, que confere à Igreja uma identidade, um caráter distintivo. Essa essência, continua o Decreto *Ad Gentes*, “tem origem na missão do Filho e na missão do Espírito, segundo o desígnio do Pai”, que por sua vez “brota do *amor fontal*, ou seja da caridade, do próprio Pai” (AG 2). Em outras palavras, a missão vem de Deus porque Deus é Amor, um amor que não se contém, que transborda, que se comunica, que sai de si.¹³ Missão é essência de Deus, diz respeito ao que Deus “é” e não, primeiramente, ao que Deus “faz”.

Portanto, como diria Moltmann, não é a Igreja que ‘tem’ uma missão, mas ao contrário, a missão que tem uma Igreja: Deus realiza sua missão através da ação de seu Espírito, chamando a Igreja a participar.¹⁴ Eis a mudança de paradigma: a Igreja deixa de ser “missionante” (aquela que envia) para tornar-se “missionária” (enviada), não mais como “dona”, mas como humilde “serva” da missão. Participando da missão de Deus, ao ser enviada aos povos, ela participa da vida de Deus, que é vida plena, vida eterna. Por tabela, não é a VRC que tem uma missão mas vice-versa: ela não é indispensável, necessária, mas apenas servidora na essência do seu carisma mais do que na eficiência de suas obras, como afirma Papa Francisco:

Precisamos “reforçar o que é institucional na vida consagrada, e não confundir o Instituto com a obra apostólica. O primeiro permanece; a segundo passa”. E

¹² FRANCISCO. *A vocação de ser catequista*. O pontífice encoraja a não ter medo de sair de si mesmo para ir ao encontro dos outros [*Discurso aos participantes no Congresso Internacional de Catequese*, Roma, 27 de setembro de 2013, n. 1], in: *L'Osservatore Romano*, 29 set. 2013, p. 7.

¹³ Cf. SUESS, Paulo. *Missão como Caminho, Encontro, Partilha e Envio*. Perspectiva, Desafios e Projetos. In: *Igreja no Brasil, tua vida é missão*. I Congresso Missionário Nacional. Brasília: POM, 2003, pp. 54 – 55.

¹⁴ Cf. MOLTSMANN, J. *La Iglesia en la fuerza del Espíritu*. Salamanca, 1978, p. 26.

continua: “O carisma continua, é forte; a obra passa. Às vezes se confundem o Instituto e a obra. O Instituto é criativo, busca sempre novos caminhos.”¹⁵

Esses fundamentos têm desdobramentos imediatos, pois “a contribuição específica de consagrados e consagradas para a evangelização consiste, primeiramente, no testemunho de uma vida totalmente doada a Deus e aos irmãos” (VC 76). Num mundo marcado pelo secularismo, pelo individualismo e pelo relativismo, a missão da VRC tem como finalidade manifestar a missão de Deus. Se antigamente a atividade missionária era voltada mais a “salvar almas”, hoje poderíamos dizer que está voltada a “salvar Deus”¹⁶, e anunciar assim a possibilidade de um mundo mais humano:

A experiência de Deus numa vida consagrada verdadeira, positiva, alegre, a escuta da Palavra e a vida comum, tornam os religiosos atentos às pessoas, a seus desejos, solidários com sua busca do verdadeiro, do bom e do bonito, capazes de perceber a presença de Deus na vida dos outros e nas culturas e despertar neles a responsabilidade pela transformação das estruturas do pecado que estão no mundo e pelo cuidado com a criação. A experiência de Deus é fonte e reserva de esperança num mundo que abandona as pessoas na solidão e no desespero.¹⁷

Compreender a missão não como atividade ou necessidade histórica, mas como essência gratuita de Deus Amor, é o primeiro passo para uma profunda renovação da VRC. Trata-se de deslocar a missão da afirmação da pessoa ou da instituição, à transparência do testemunho alegre (cf. EG 21), sem pretensões, numa discreta prática jesuana de proximidade aos outros e aos pobres, para comunicar vida em termos de humanidade, compaixão, fraternidade sem fronteiras. Amar humildemente o humano em todas suas manifestações e limitações, é divino, gratuito e recompensa a si próprio, porque ancorado à missão intrínseca do próprio Deus vivo. Esse amor comunicativo e contagiante tem uma força magnética de atração, de encantamento, de fascinação, exatamente como é próprio do enamoramento e da paixão. É algo que deslumbra a nossa vista, até que tudo, no fundo, desaparece para deixar espaço apenas à maravilha extática da “beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36).

15. Ainda em sua homilia, na Missa inaugural da Conferência de Aparecida, dia 13 de maio de 2007, o Papa Bento falou do crescimento do povo de Deus pela “atração”:

A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por atração: como Cristo “atrai todos a si” com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor.¹⁸

¹⁵ SPADARO, p. 4.

¹⁶ Claro que Deus não precisa de salvação, mas sua presença e sua missão precisam ser salvaguardadas e manifestadas diante de um mundo em que foi anunciada a morte de Deus (cf. NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Aforisma 125).

¹⁷ FERRARI, Gabriele. La missione: orizzonti e sfide. *Testimoni*, Bologna, 17/2011, p. 22-29, 15 out. 2011.

¹⁸ BENTO XVI. *Homilia na Eucaristia de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano*. 13 de maio de 2007, Aparecida, Brasil. Cf. *DAP* 159.

Para compreender melhor o que ele chama de “paradigma da atração”, Paulo Suess recorre à metáfora do jardim e das borboletas: os missionários não são como caçadores de borboletas que correm atrás das almas perdidas, mas são como os zeladores de um jardim cujas flores atraem as borboletas.¹⁹ Redescobrir a dimensão teológica da missão significa para a VRC apostar no potencial atrativo e entusiasta do seguimento de Jesus *sine glossa* (cf. *EG* 271), e reconhecer honestamente a falta de atratividade evangélica de nossas instituições e de nossas propostas de vida. Significa também, e sobretudo, redescobrir a presença atrativa de Deus nos pobres e necessitados e experimentar novamente com eles o encontro com Cristo que nos diz: “todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores dos meus irmãos, foi a mim que o fizeram” (*Mt* 25,40).

REFAZER NOSSAS RELAÇÕES EM ORDEM À MISSÃO

É bem verdade, porém, que a profecia de Jesus em *Jo* 12,32, “quando for levantado da terra, atrairei todos a mim”, não se realizou. De fato, se formos ver quem efetivamente Jesus atraiu a si na hora em que revelou o rosto de Deus (cf. *Mt* 27,51), encontramos pouquíssimas pessoas aos pés da cruz: a mãe dele, duas mulheres e um discípulo (cf. *Jo* 19,25-26). O resto dos seguidores se mandou. Cristo parece não ter atraído ninguém, exatamente como os religiosos e as religiosas que muitas vezes não conseguem nem sequer arranhar a couraça de indiferença, de desencanto, de apatia que permeia o mundo de hoje. À desolação da cruz podemos associar o menosprezo por uma VRC velha e doente, desencantada e depressiva, acomodada e anêmica. O problema não está no número e nem na idade. A VRC crucificada experimentamo-la no cotidiano da vida em comunidade, nas relações desconfiadas, nos conflitos evitados, nos encontros desencontrados, nas expressões tristes, nos olhares frios, nos gestos de conveniência, nos sorrisos azedos, nos celestiais ideais que, como meteoros, se desintegram em mesquinhas picuinhas com o atrito da atmosfera, antes de tocar o chão: “as enfermidades da fraternidade possuem forças que a destrói” sentencia Papa Francisco.²⁰

A comunidade religiosa muitas vezes nos parece uma cruz desnecessária em ordem à missão: viver e trabalhar com os outros é realmente complicado. Como os discípulos de Emaús fugimos dela de maneira errática, buscando compensações no apostolado, mas também procurando uma resposta: e a Resposta vem ao nosso encontro, explicando-nos as escrituras e partindo o pão para nós. Na realidade, como afirma a *Evangelii Gaudium*,

alguns querem um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz (...) Entretanto, o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom

¹⁹ SUESS, Paulo. A “natureza missionária” a partir do encantamento de Deus. *Convergência*, Brasília, n. 463, julho/agosto 2013, p. 449.

²⁰ SPADARO, p. 9. Também as palavras do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* são particularmente contundentes a respeito: “Por isso me dói muito comprovar como nalgumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, a desejos de impor as próprias idéias a todo o custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos?” (*EG* 100).

de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros. Na sua encarnação, o Filho de Deus convidou-nos à revolução da ternura (EG 88).

Em outras palavras, precisamos de uma comunidade que nos humanize, de uma comunidade que seja ao mesmo tempo família²¹ e que tenha um projeto comum de profecia missionária.²² Para viver a experiência de fé e para assumir a missão é imprescindível a vida de fraternidade. O que é a fé, afinal, senão um enredo de relações que aponta para uma fraternidade? Cristo veio para anunciar novas relações baseadas na misericórdia e no perdão (cf. Mt 18,21-35).

Da mesma forma, a missão propriamente dita não se situa no âmbito da atividade, mas naquele das relações²³, assim como o termo “irmão” é chave para compreender a toda essência do Evangelho e da *missio Dei*: Deus é Pai, nós somos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs “de sangue”²⁴ entre nós. E ponto. O resto é consequência. Portanto, se “a comunidade cristã deve a própria origem ao anúncio apostólico do evangelho e a própria vitalidade ao perpetuar-se deste anúncio”²⁵, é verdade também que a comunhão de vida estabelecida mediante relações fraternas constitui a origem, o caminho e a meta da missão assim como “o mistério da Trindade é fonte, modelo e meta do mistério da Igreja” (Dap 155).

Portanto, podemos afirmar que a missão *acontece na* comunidade:

A comunidade é o primeiro lugar da missão, lugar no qual o sinal da comunhão é o sinal mais alto que a Igreja pode oferecer ao mundo pós-moderno, também através da vida consagrada. Se o elemento central para a vida religiosa é o seguimento de Cristo, o coração desse seguimento é a relacionalidade, a vida comunitária.²⁶

O mundo exige hoje um testemunho de comunhão e de fraternidade (cf. VC 51), não apenas como autêntico *serviço* evangélico, mas também como *sinal*. Na comunidade se expressa o

²¹ “Que o mosteiro não seja um Purgatório, mas uma família” (*Alegrai-vos*, 9)

²² Cf. HAVENNE, Annette. A vivência hoje do núcleo identitário da VRC. *Convergência*, Brasília, n. 453, julho/agosto 2012, p. 477.

²³ Cf. BRADANINI, S. A urgência da missão. In: CNBB. *Memória, projeto, seguimento*. Missões Populares da Igreja no Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2007, p.114.

²⁴ A expressão “de sangue” nos remete a uma anedota de Dom Hélder Câmara, contada por ele mesmo numa entrevista que encontramos no filme de Érica Bauer, “Dom Helder - O Santo Rebelde”. Certa vez, o arcebispo de Recife teve que interceder junto a um empresário pedindo emprego para um “seu irmão”, um pobre pai de família. O empresário, depois de atender com muita solicitude ao pedido do bispo, percebeu logo de ter sido “enganado”. “O senhor me enrolou”, disse o empresário para Dom Hélder, “o homem não é seu irmão coisa nenhuma”. “Mas como ...”, respondeu o prelado: “filhos do mesmo Pai, não são irmãos?”. O empresário retrucou: “Sim, eu sei o que o senhor quer dizer com isso: mas eu tinha entendido que eram irmãos de sangue”. “Pois é”, insistiu Dom Hélder, “o sangue que Cristo derramou para mim, derramou para ele também: então, somos irmãos de sangue”.

²⁵ MOLTMANN J. *La chiesa nella forza dello Spirito: contributo per una ecclesiologia messianica*. Brescia: Queriniana, 1976, p. 275.

²⁶ BESTTETI, Annuciata; PRATILLO, Francesca; PUNTEL, Joana Teresinha. *Os conselhos evangélicos na ótica da comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 21.

engajamento fundamental contra toda forma de domínio sobre o outro, e a prática assídua da fraternidade²⁷, como manifestação de uma nova lógica de convivência universal. Esse testemunho não é opcional, mas é algo de absolutamente indispensável porque, como diria Papa Francisco, “preenche os vazios de amor que há nos corações, nas relações humanas, nas famílias, nas comunidades e no mundo (...) Ser santo não é um luxo, é necessário para a salvação do mundo. Isto é o que o Senhor nos pede”.²⁸

Da mesma forma, devemos também reconhecer que a vida comunitária se constrói a partir da missão e, por isso, a verdadeira comunidade *acontece na* missão e não disjunta da missão. De fato, o *serviço* missionário encarnado numa realidade junto com os pobres e com os outros, molda concretamente a comunidade religiosa em sua espiritualidade, suas estruturas, seus horários, sua gestão econômica, seu ritmo de vida, suas prioridades, sua linguagem, seus meios, seus hábitos cotidianos. Os pobres e os outros são chamados a fazer parte integrante de nossa vida: eles entram em nossas veias e nos transformam. Repensar à comunidade a partir da missão significa, portanto, redesenhá-la em torno de um “Projeto Comunitário de Missão” mais que um de um “Projeto Comunitário de Vida”, pois saber “trabalhar junto”, encarnados num contexto, em companhia dos pobres, qualifica a missão, santifica as relações e dá uma configuração histórica à profecia da VRC. O que antes era deixado por demais à impávida iniciativa pessoal, a margem da vida comum ou em conflito com ela, agora sentimos que é absolutamente preciso se tornar uma realidade eminentemente comunitária tanto na dimensão do *sinal-testemunho* como na dimensão do *serviço-projeto*.

RESSIGNIFICAR A NOSSA VOCAÇÃO MISSIONÁRIA

Ressignificar a nossa vocação missionária, sair de nossa acomodação, botar as mãos na massa, são atitudes indispensáveis para redescobrir o núcleo identitário da VRC. Essa última operação nunca será fruto de uma nova perspectiva teórica ou de uma busca introspectiva, mas principalmente de uma prática de vida e de uma corajosa abertura missionária pessoal, comunitária e institucional. A narração dos peregrinos de Emaús é uma velha conhecida: sempre serviu à VRC como caminho paradigmático de discernimento e de reencontro consigo mesma. Por outro lado, somos sempre muito lentos para captar sua mensagem vital. De fato, há um risco em vermos apenas no lugar dos discípulos, num sofrido caminho de revisão de nossas práticas e de nossas apostas. Entretanto, os interlocutores da nossa missão, os pobres e os outros que encontramos pelo caminho, não estão particularmente interessados aos nossos problemas. Tem outras coisas, bem mais importantes, às quais pensar. Se por um lado, o problema (mal resolvido) da missão somos nós, por outro, devemos admitir que a humanidade espera de nós consagrados uma luz, um rumo, uma esperança, uma direção:

Os homens e as mulheres do nosso tempo esperam palavras de consolo, proximidade de perdão e de alegria verdadeira. Somos chamados a levar a

²⁷ “Absolutamente necessárias para a edificação da paz são ainda a vontade firme de respeitar a dignidade dos outros homens e povos e a prática assídua da fraternidade” (GS 78).

²⁸ FRANCISCO. Santa Messa con i nuovi Cardinali. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/it/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140223_omelia-nuovi-cardinali.html>. Acesso em: 23 mai. 2014.

todos o abraço de Deus, que se inclina com ternura de mãe sobre nós: consagrados, sinal de humanidade plena, facilitadores e não controladores da graça (cf. EG 47), inclinados no sinal da consolação. (*Alegrai-vos*, 8).

A ótica propriamente missionária do texto lucano dos discípulos de Emaús nos convida a centrarmos em Jesus e não na tristeza narcisística dos discípulos. Nele podemos enxergar o que o mundo espera de nós nesse tempo de profundas mudanças, delineando quatro *dimensões programáticas* de retomada da missão da VRC hoje.

Em primeiro lugar, toda a cena se passa no **caminho**: um lugar cheio de significado porque o próprio Jesus se identificou com o caminho e não com a chegada (cf. Jo 14,6). Estar a caminho significa andar desarmado na simplicidade e na pobreza, na precariedade de nossas limitações, na proximidade às pessoas e a qualquer situação humana, com os pés no chão na realidade dos nossos povos e no seguimento de Jesus: ali Deus se revela. Ele não nos espera no ponto final: ele se aproxima e nos acompanha. Para a VRC hoje, retomar a missão como caminho significa tornar-se próxima dos pobres e dos outros. Para isso precisa desenraizar-se, sair de si, reposicionar-se em relação aos novos desafios, não confundindo a fidelidade ao Senhor com a fixação em modelos historicamente limitados. A missão não tem raízes para ficar presa à terra: tem pés para se deslocar. A missão exige a aprendizagem de uma quênose radical e peregrina que nasce da compaixão, do desejo de aproximação, do dom de si e da absoluta gratuidade.

Caminho e proximidade levam ao **encontro** com as pessoas. O encontro exige reconhecimento da alteridade e disposição ao diálogo: “com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até à humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo”. Em seguida, “acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam; conhece as longas esperas e a suportação apostólica; a evangelização patenteia muita paciência, e evita deter-se a considerar as limitações” (EG 24).

Somos chamados a fazer um êxodo de nós mesmos num caminho de adoração e de serviço. “Sair pela porta afóra e procurar e encontrar (...) O encontro e o acolhimento de todos, a solidariedade e a fraternidade, são elementos que tornam a nossa civilização verdadeiramente humana. Ser servidores da comunhão e da cultura do encontro. Quero vocês quase obsessivos neste aspecto! E fazê-lo sem ser presunçosos” (*Alegrai-vos*, 10).

O encontro e o diálogo dos discípulos com o Senhor levam à **partilha** do pão, pois é preciso que o diálogo frutifique numa profunda comunhão. O jovem rico encontrou Jesus, teve com ele um diálogo muito intenso: mas não houve partilha dos bens e esse encontro não produziu o que se esperava (cf. Mt 19,16-22). Da mesma forma Pedro deixou tudo, seguiu e reconheceu Jesus: mas no momento de partilhar a missão do dom da vida com seu Mestre e Senhor, deixa falar Satanás que está nele (cf. Mt 16,13-23). O verdadeiro discipulado exige uma profunda comunhão com Jesus na missão de entregar a própria vida para o mundo. A partilha missionária é sempre um dom e um compromisso: os olhos dos discípulos se abrem ao receberem o pão partido. Mas Jesus desaparece na frente deles. A vida partida e partilhada se torna dom para a humanidade e alimento para quantos a acolhem e se dispõem, por sua vez, a tornar-se dom para os outros. De agora em diante Jesus se torna visível no pão partilhado, na comunidade que se torna pão para a vida do mundo:

Não apenas dar pão a quem tem fome, mas *fazer da vida*, com liberdade e simplicidade e, quando possível, com alegria, *um pão partido para o povo quebrado!* Isso é a essência do agir cristão, isso é o núcleo identitário da VRC: *Minha vida, ninguém a tira, eu a dou como pão partido para meu povo quebrado!*²⁹

Por fim, essa partilha da vida gera o **envio** dos discípulos: “na mesma hora, eles se levantaram e voltaram para Jerusalém, onde encontraram os Onze, reunidos com os outros” (Lc 24,33). Paixão gera paixão, alegria gera alegria, missão gera missão: “a alegria, a verdadeira alegria, é contagiosa” (*Alegrai-vos*, 10). Objetivo da missão, acima de qualquer outra coisa, é tornar-se geradores de envios, tornar-se capazes de tornar missionários aqueles que encontramos: “vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos (missionários)” (Mt 28,19). O Senhor nos enviou a fazer discípulos e não obras! Este é o caminho de salvação: que todos se tornem missionários e assim participar da vida plena de Deus, pois “a vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros. Isso é, definitivamente, a missão” (Dap 360). Desta maneira a VRC vive sua verdadeira vocação quando se torna parteira de missão:

Quando um padre não é pai da sua comunidade, quando uma religiosa não é mãe de todos aqueles com os quais trabalha, torna-se triste. Este é o problema. Por isso vos digo: a raiz da tristeza na vida pastoral consiste precisamente na falta de paternidade e maternidade que vem do viver mal esta consagração, que, ao contrário, deve nos conduzir à fecundidade (*Alegrai-vos*, 10).

RETOMAR O CAMINHO

Quando chegamos a colocar em prática possíveis orientações, sabemos quanto isso exige esforço, caminhos pedagógicos, tempos demorados, inevitáveis frustrações: com efeito, na prática a teoria é outra! Estamos a caminho como os discípulos de Emaús, os quais tinham até motivações muito equivocadas a respeito do seguimento de Jesus. Da mesma forma, os Atos dos Apóstolos retratam uma igreja apostólica que demorou e sofreu muito para entender que sua vocação missionária não devia ficar restrita apenas ao povo de Israel.³⁰ Nós não estamos ainda suficientemente acostumados a fazer as contas com os processos e com os tropeços das pessoas e das situações. Projetamos lá um ideal celestial e queremos que todo mundo o alcance num piscar de olho. Na realidade, talvez, não chegamos ainda a compreender a diferença entre *mudança* e *processo de transformação*: a primeira acontece num momento da história; o segundo ao longo do tempo.³¹ Com os processos é preciso ter muita paciência e aceitar sua custosa evolução (cf. EG 82). Por outro lado, o medo muitas

²⁹ HAVENNE, Annette. Congresso das Novas Gerações. *Convergência*, Brasília, n. 465, p. 564-573, outubro 2013, p. 571

³⁰ Cf. BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Teologia per la missione oggi. Costanti nel contesto. Constants in context*. Tradução Giorgio Volpe. Brescia: Queriniana, 2010. Título original: *A Theology of Mission for Today*. Maryknoll: Orbis Book, 2004.

³¹ Cf. SAMMON, Sean D. Um novo amanhecer. A Vida Religiosa católica no Estados Unidos. In: PRADO, Fernando (org.) *Aonde o Senhor nos levar*. Vida consagrada no mundo: tendências e perspectivas. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 121.

vezes nos paralisa e sufoca a ousadia de avançar (cf. *EG* 129). Atenção, porém, que o verdadeiro discípulo de Jesus se distingue exatamente pela prática: “nem todo aquele que me diz ‘Senhor, Senhor’ ...” (*Mt* 7,21). Portanto, é bom que nos coloquemos em marcha.

A esse respeito, Jesus conta uma parábola para atacar de frente uma vida religiosa acomodada. Um homem tinha dois filhos e convidou os dois a trabalhar na vinha dele. O primeiro disse “não”, mas depois foi; o segundo disse “sim”, mas depois não foi. E conclui: “Pois eu garanto a vocês: os cobradores de impostos e as prostitutas vão entrar antes de vocês no Reino do Céu” (*Mt* 21,31). Quem é o filho que disse “não”, mas depois foi trabalhar na vinha? Os cobradores de impostos, considerados corruptos, e as prostitutas, gente com a existência prejudicada pela escolha de um caminho errado: disseram “não” um dia, mas depois no dia a dia passaram a usar misericórdia para com seu próximo (cf. *Mt* 25,31-46). O Pai, “que vê o escondido” (*Mt* 6,4), sabe de sua vida, apesar de sua reputação. Quem é o filho que disse “sim”, mas não foi trabalhar? Os religiosos, que proclamam publicamente seu “sim” a Deus diante do povo, porém depois não praticam a Palavra. Desta maneira, Jesus desmascara fariseus e mestres da Lei, tidos como “justos”, mas na realidade “não são de Deus” (*Jo* 8,47).

Explorando um pouco mais a mensagem da Palavra, podemos descobrir quatro preciosas indicações que nos podem ajudar a colocar em práticas nossas boas intenções. A primeira é a necessidade de nos reconhecer naqueles pobres pecadores que respondem “não” ao pedido do Pai, mas que depois vão trabalhar. Essa laboriosa humildade nos coloca numa posição de compaixão para com toda humanidade e de simetria com qualquer ser humano. Nós religiosos e religiosas não somos melhores. O fato de optar pelo seguimento de Jesus, nos deveria tornar mais humanos ainda: nós falhamos continuamente neste propósito e devemos admiti-lo. Mesmo assim jamais desistimos de conformar-nos a Cristo.

A segunda indicação é a necessidade de arrependimento e de conversão. Precisamos não só admitir que erramos, mas também ser capazes dar a meia volta: refazer nossos conceitos, aquecer nossos corações (cf. *Lc* 24,32) e repartir com uma disciplina de mudança. “Para nos converter numa Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora, temos que ser de novo evangelizados”, afirma o documento de Aparecida (*DAp* 549). A conversão é sempre algo que começa dentro de nós e se transforma em testemunho e anúncio para os outros.

A terceira sugestão é a valorização do cotidiano. Os cobradores de impostos e as prostitutas, provavelmente, não conseguiram melhorar muito sua imagem, nem mudar seu estigma. A semente que morre para dar fruto não é percebida por ninguém: tudo acontece num processo quase imperceptível, escondido, cadenciado no dia a dia. De repente, olhando para o caminho, reparamos que passos foram dados, escolhas foram amadurecendo, conquistas significativas foram alcançadas: não à luz dos holofotes, mas na humilde discrição.

Enfim, o quarto elemento é que a partir de nossas práticas seremos julgados: já estamos sendo julgados. Cumprir com tarefas que apontam para um novo modelo de VRC missionária não é opcional, mas também não garante nossa sobrevivência. O que está em jogo é a aposta do Evangelho continuar sendo significativo no mundo plural de hoje: essa missão é a razão última que nos resta, para a qual entregamos nossas vidas e a vida de nossas congregações.